



1
ÚLTIMA HORA

A noite avança. À luz do olhar nevoento,
Escuto o alarme... A rude voz do instinto
Fala da morte. Em lágrimas pressinto
A lividez do trágico momento.

Espantado, atravesso o labirinto
Dos delírios e sonhos que apascento.
Vencido, o coração pulsa violento,
Ave apresada ao peito semi-extinto.

Tristeza, sombra e pó... Cinza e canseira...
A ideia tomba. E' a hora derradeira,
Na exalação dos últimos instantes.

Desço de todo ao caos que me agonia,
Mas livre enfim, soluço de alegria,
No caminho dos astros cintilantes.

2
ÚLTIMO DIA

Não era mais o lume de Aladino
Que trazia na mão dorida e pasma,
Era a tremura de um doente de asma,
Ouvindo, inerme, o choro do destino.

O leito igual ao chão de lodo e miasma
Fêz-se lousa de gelo em Sol a pino...
Quero gritar em vão, quanto um menino,
Amedrontado à sombra de um fantasma.

Divago. Embalde movo os lábios perros.
Varo — errante viajor — impérvios serros...
Meu sonho é um velho cão ladando à lua...

(*) No Rio de Janeiro, Pereira da Silva foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, ingressando, depois, na Escola Militar. Transferido, mais tarde, para o Estado do Paraná, aí se tornou dedicado amigo de Dario Veloso e de outros poetas da sua estirpe. Deixando o Exército, voltou ao Rio. Estudou Direito e aderiu ao grupo simbolista da Rosa-Cruz. Foi redator da *Cidade do Rio*, colaborando em outras publicações da imprensa carioca, como crítico literário. Em 1933 ingressou na Academia Brasileira

de Letras, cadeira nº 18. Luís Murat considerou Pereira da Silva um dos maiores poetas da sua geração, «homem que possui uma grande cultura, a par de uma grande inspiração» (apud Pereira da Silva, *Beatitudes*, pág. 228). (Araruna, Serra da Borborema, Paraíba, 9 de Novembro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Janeiro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: *Vae Soli!*; *Solitudes*; *O Pó das Sandálias*; *Alta Noite*; etc.

26 Tudo — silêncio pálido de esfinge...
E' o nada... A dor do nada que me atinge
Mal sabendo que a vida continua...



ARTUR RAGAZZI *



1
S O N E T O

Era a última hora para a cabeça estática
Que pensava, apesar de tudo.
O corpo anestesiado no suor denso e álgido
Não movia sequer leve ponta do dedo.

Os olhos haviam parado dentro das órbitas,
Mas no imóvel espelho das pupilas
Aumentara a visão com estranha potência,
Sob a ação de outros raios.

26. Observe-se a frequência com que o poeta usa o vocábulo *pálido* e seus cognatos. No soneto "À minha mãe" (*apud Pan.* IV, pág. 117), o último terceto, por exemplo:

"E me atirando uma porção de lírios
Transfigurou-se *pálida* e apiedada
Dos meus soluços e dos meus Martírios..."

Cf., ainda, a 2ª estrofe de "Sóror Mágua" (*apud Op. cit.*, pág. 118). Na 4ª estância desse poema, encontramos isto:

"Como se ajusta bem a *palidez* à fome
E o tédio ao dissabor do espírito de alguém."

Interessante, também, o último terceto de "Sol poente" (*apud Op. cit.*, pág. 119).

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugurada a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade